

CULTURAS JUVENIS: UM ESTUDO COMPARATIVO BRASIL E MÉXICO

Estudo etnográfico e pesquisa no Facebook

GT 22: Sociologia da Infância e Juventude

Dra. Ana Luisa Fayet Sallas
Universidade Federal do Paraná analuisa@ufpr.br

RESUMO:

O presente trabalho trata de mapear e compreender a constituição das culturas juvenis no Brasil e México partindo de sua articulação e expressão com relação aos processos de transição para a vida adulta. Tomamos por referência os marcos de tempo, espaço e sociabilidades, que tem orientado esse estudo comparativo. Pretendemos responder as seguintes questões: Quais as especificidades das culturas juvenis? O que lhes é próprio? Quais os nexos existentes (como rupturas/permanências) entre as culturas juvenis e os processos de transição para a vida adulta? Quais os nexos existentes entre culturas juvenis, novas tecnologias e novas formas de participação? Que imagens/imaginários das relações sociais do mundo se expressam através das culturas juvenis e das aptidões comunicacionais dos jovens? Nesse trabalho apresentamos os resultados parciais de pesquisa etnográfica com jovens grafiteiros e do movimento Hip-Hop da Cidade de México além dos resultados de uma etnografia virtual realizada através do FACEBOOK com jovens do Brasil e do México sobre o tema das **Culturas Juvenis** (análise dos 340 questionários respondidos entre jovens dos dois países).

Palavras-chave: culturas juvenis, vida adulta, graffiti, hip-hop.

Esse trabalho pretende estabelecer o esforço de síntese de uma experiência de estância pós-doctoral realizada no Colégio do México no ano de 2012. Trata-se de um projeto de investigação que associou-se ao de dois pesquisadores do Centro de Estudos Sociológicos do Colégio do México: Dra. Orlandina de Oliveira e Dr. Minor Mora Sales. O projeto deles referia-se ao processo de transição para a vida adulta de jovens mexicanos e suas estratégias de vida, marcadas pela questão da desigualdade social, precariedade de capitais culturais, educacionais e econômicos. Essa pesquisa teve início em 2009 e realizou-se em três cidades do México: Monterey, Cidade do México e Oaxaca. Foi organizada em torno de diferentes recursos metodológicos: estudos etnográficos, trajetórias de vida, questionários – cotejado com outros estudos de base quantitativa, gerando um banco de dados muito rico.

Conforme observam OLIVEIRA y MORA SALAS (2008:267) em pesquisa realizada no México, esse processo representa emancipação individual, através do qual as pessoas adquirem maior autonomia e tem maior controle sobre suas vidas, que se expressa entre outras coisa, pelas possibilidades de escolher e atuar de acordo com critérios definidos pelo próprio indivíduo. O processo crescente de individuação implica em assumir novas responsabilidades e novas formas de participação social junto a família, a comunidade e ao conjunto das instituições. No caso do México, verifica-se um processo heterogêneo de transição, tanto do ponto de vista dos itinerários (trajetórias), como em relação a temporalidade (calendário), sequência (ordem) e intensidade (probabilidade de ocorrência), bem como as vivências e significados conferido ao alcance de uma maior autonomia e participação social que caracterizam esta transição.

Esta heterogeneidad se encuentra, en la actualidad, fuertemente influida por las estructuras de desigualdad social existentes, las cuales marcan diferencias sustantivas en el punto de partida, las rutas de transición y los resultados alcanzados en materia de autonomía, responsabilidades y participación social, así como en lo concerniente al logro de mejores condiciones de vida y el ejercicio de los derechos ciudadanos fundamentales.(OLIVEIRA, MORA SALAS, 2009: 277)

Com relação ao meu objeto, ele foi construído em torno do tema das culturas juvenis vinculados a este processo de transição para a vida adulta. Nesse sentido, envolvia pensar os tempos, espaços e as formas de sociabilidade praticadas por jovens de diferentes setores sociais de ambas sociedades. Nesse sentido, o trabalho aqui exposto representa o primeiro esforço de sistematização de experiências convertidas num conjunto de dados (observações etnográficas, vivências, entrevistas, questionários) em associação com leituras intensivas sobre a realidade histórica, social e cultural do México.

Em primeiro lugar, cabe explicitar os sentidos desta experiência compartilhada com jovens que nos abriram suas vidas e a oportunidade de troca estabelecida através do contato intenso e direto com o seu cotidiano, com aquilo que lhes era próprio em seu tempo e em seu espaço. Primeiro, me aventuro a situar essa experiência no estatuto que a definia Benjamin (1982) como uma *Erfahrung* – uma experiência profunda e compartilhada, capaz de efetivamente criar espaços de comunicação com jovens e adultos mexicanos que em nos acolheram e levaram em conta nossas indagações, dúvidas, curiosidades, ignorâncias sobre a realidade que viviam e as estratégias e táticas (De Certeau, 1994) que desenvolviam para expressar-se e viver a vida cotidiana.

De começo um processo básico: o tema e questão da pesquisa nos levam para as ruas. Andar pelas cidades, observar como os espaços são ocupados durante a semana, lançar-se no fluxo destes movimentos não necessariamente com um objetivo pré-definido. Trata-se de uma dimensão da experiência do caminhar, muitas vezes sem um destino definido, atento mais ao processo. Deslocar-se (dúvida semântica: nos “des-locamos” para nos situar num outro ponto de vista ou, e ainda nos “des-locar” para sair da loucura?). Assim começou o processo da pesquisa: dois dias após chegar na Cidade do México, e já instalados em nossa casa em Coyoacán, uma caminhada até a praça central do bairro e um passeio pelo Centro Cultural da praça. Começamos (eu e meu companheiro – Angelo José da Silva) a ver com curiosidade uma exposição de graffiti que estava ocorrendo naquele espaço. Surpresa: tratava-se de Paulo Auma, grafiteiro de Curitiba, que estava passando uma pequena temporada no México, já conhecido de Angelo. Na lista de presença da exposição, vemos a assinatura de um casal de amigos que vivem há muitos anos na cidade. Surpresa número dois: falo com minha amiga e menciono a coincidência e ela me diz: “O Paulo Auma é companheiro da minha irmã e eles estão aqui em casa!”. Contato feito, encontro marcado. Centro Histórico da Cidade – Mezones com Isabel la Católica – loja da Illegal Squad, especializada na venda de sprays de graffiti, adesivos, camisetas, skates, pinceis e uma infinidade de outros objetos. Nesse lugar tivemos então a nossa “entrada” no campo conduzidos pelas mãos de um grafiteiro brasileiro – Paulo Auma e um mexicano e sua família da Illegal Squad. Deste primeiro encontro se sucederam outros tantos que nos permitiu conhecer muitos jovens ligados ao movimento do graffiti no México (na Cidade do México, Oaxaca, Puebla, San Cristobal de las Casas, Guadalajara, Tijuana, Vale de Bravo) além de jovens vinculados à dança, bboying e bbgirls e poetas raperos entre outros, todos eles expressando aquilo que tomamos como elemento norteador de nosso trabalho: culturas juvenis, tanto pela adesão a determinados estilos vida como pela possibilidade que encontraram de associar seus estilos de vida com meios de viver a vida.

Falar em culturas juvenis, significa em grande medida entrar em contato com uma ampla bibliografia produzida nos últimos vinte anos, pelo menos, que tem a particularidade de expressar ao mesmo tempo, perspectivas teóricas que passam pelos Estudos Culturais britânicos, e sua vertente latino-americana, de forma especial nos chamamos Estudos Socio-Culturais Latinoamericanos (conhecida também como uma vertente teórica Ibero-americana). José Machado Pais (Portugal) irá

justamente integrar a vertente teórica identificada como a Escola Ibérico-americana de estudo das culturas juvenis. Autores como Carles Feixa (1998) do Espanha, Maritza Urteaga (1998), Rossana Reguilo (2000), José Manuel Valenzuela (1997), José Antonio Pérez Isla (1996), no México são autores de referência fundamental e são os autores com os quais estabelecemos um diálogo mais fecundo.

Carles Feixa define as culturas juvenis como um espaço onde as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintivos. Se estabelecem a partir do tempo livre e no espaço de ócio, e possuem graus variados de autonomia em relação as instituições adultas. Rossana Reguilo as define como um conjunto heterogêneo de expressões e práticas socioculturais juvenis. Tratam-se de trabalhos de investigação que procuram dar conta das práticas juvenis como processos em movimento, originando duas vertentes de estudos: uma dominada por análises inter-grupais ou de grupos específicos e outra pela análise contextual-relacional, que procura entrecruzá-los aos elementos políticos, econômicos, culturais, sociais e com a memória histórica.

Trata-se também de tomar o tema da juventude de uma forma distinta, posto que pretende distanciar-se de uma produção volumosa que a representa partir de questões ligadas à violência, a marginalidade e a delinquência. Partimos da idéia da juventude como um elemento constitutivo de diferentes figurações com sua pluralidade de relações e de significados, dentro daquele modelo teórico elaborado por Norbert Elias (2000), contemplando relações e processos dinâmicos. Relações como formas de mediação entre diferentes grupos de idade, geracionais, de gênero, estratos sociais, étnicos e locais (bairro, comunidades, coletivos etc.).

As diferentes mediações, que produzem em relação à cultura, ao político e a própria política adquirem sentidos inovadores. O que leva os grupos juvenis a combaterem as assimetrias geracionais, de gênero, classe, etnia e de territórios, através de formas ativas no uso da comunicação e do conhecimento e das novas tecnologias (REGUILLO, 2000, BARBERO, 2005, WINOCUR, 2009). Nesse sentido, podemos avançar também na compreensão da relação entre as culturas juvenis e os elementos de ancoragem que as constituem, naquilo que de forma pioneira identificou Margareth Mead (1970), quando nos apresenta a classificação dos três tipos de cultura: a pós-figurativa (culturas fundadas na tradição com forte referência ao passado – os mais velhos ensinam as novas gerações), a co-figurativa (cultura das sociedades modernas, do presente em que adultos e jovens aprendem juntos) e a pré-figurativa (cultura do futuro, que representa o momento em que as novas gerações ensinam os adultos e velhos).

Esse modelo das três culturas elaborado por Mead revela algumas intuições da antropóloga, que alerta que a identificação destas três culturas não significa a passagem linear de uma forma para outra, pois na sociedade contemporânea, e em especial na América Latina, existe justamente essa mistura de tempos, espaços e formas de sociabilidades, que se constroem e reconstroem de forma permanente e constante.

Pensar numa cultura juvenil significa levar em conta, de imediato, a multiplicidade de formas de sociabilidade existentes para a vida cotidiana dos jovens, marcada por relações grupais na escola, igreja, família – para mencionar aqui aquelas instituições socializadoras tradicionais e outros agrupamentos como dos jovens de torcidas organizadas, grupos de *punks*, *darks*, *nerdes*, *hip-hop*, *emos*, *rockers*, *floggers*, *graffitis*, *bboyings* e assim por diante. Entendo que a cultura refere-se a organização social de sentido, interiorizada pelos sujeitos em forma de esquemas e de representações compartilhadas e objetivadas em formas simbólicas (*habitus*), em contextos historicamente específicos e socialmente estruturados.

É possível encontrar grupos de *graffiteiros*, *darks*, *punks*, *hip-hop*, *góticos*, *skatistas*, *surfistas*, *skinheads*, *mods*, *floggers*, *emos*, e assim por diante em vários lugares do mundo, como decorrentes do processo de globalização e de formas mais velozes e diretas de comunicação. No entanto, *nossa hipótese é que seus sentidos de pertença e os significados de suas expressões são profundamente*

diferentes entre si, porque mais que expressem práticas culturais parecidas, elas se ancoram necessariamente em contextos sociais e culturais distintos e se inscrevem na vida cotidiana dos jovens também de forma diferenciada.

Como primeiro passo, realizei um mapeamento sobre diferentes grupos juvenis que apresentam-se numa esfera de “representação” através do **youtube.com**, facebook e orkut. Nesse espaço virtual identificamos as diferentes modalidades, estilos e formas de expressão de jovens na América Latina, aqui os situamos especialmente através de suas marcas identitárias como jovens punks, hip hop, emos, anarquistas, roqueiros, surfistas, skatistas, grafiteiros, integrantes de coletivos juvenis, filiados a grupos religiosos e/ou partidos políticos, floggers, e assim por diante. Partindo dessa primeira abordagem, procurei compreender como os jovens, através destas expressões identitárias e culturais, procuram organizar suas experiências, ancoradas numa multiplicidade de referências e interconectividades promovidas pelo contexto da globalização e das profundas mudanças sociais, cultural e tecnológicas.

Procuro assim compreender o papel que as experiências de adesão/inscrição à estas culturas juvenis desempenha no processo de transição para vida adulta. Parto da hipótese que a existência das culturas juvenis não pode ser pensada exclusivamente sob a forma de experiências transitórias próprias da juventude, que tenderiam a desaparecer com a entrada na vida adulta. Considero que as culturas juvenis promovem mudanças de sentido no interior da própria cultura dominante na medida em que os elementos que a constituem como processo, transformam-se em valores – como o próprio valor cultural da juventude (PERALVA, 1997, SALLAS E BEGA, 2007). Uma segunda hipótese é a de que as culturas juvenis ensejam práticas e representações sobre as próprias concepções do processo de transição para a vida adulta, construindo-se a partir de elementos de continuidade e ruptura com estas formas culturais.

A sociedade contemporânea e globalizada tem promovido o aparecimento de novos sistemas comunicativos: pela multiplicação cotidiana das TICS, que se fazem mais visíveis entre os jovens, promovendo novas formas cognitivas e expressivas, novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade, o próximo e o distante. São referências espaciais e temporais que se alteram nesse novo cenário, que nos fornecem uma hipótese para a compreensão do significado destes novos processos culturais e identitários. Tratamos aqui também da compreensão deste processo como um novo *perceptum e sensorium*, com novos modos de perceber e de sentir, de ouvir e de ver, que se choca em alguns aspectos com o dos adultos. (BARBERO, 2005)

Para Carles Feixa é possível estabelecer comparações trans-culturais em relação as culturas juvenis quando se comparam objetos formalmente idênticos (o estilo punk em Barcelona e na Cidade do México) como estruturalmente semelhantes (juventude urbano-popular) e também porque remetem a processos de circulação cultural vigente em escala planetária. Nesse contexto, as culturas juvenis aparecem como uma resposta sincrética (porque mistura influencias do rural e urbano, do popular e do massivo, do local e do internacional) e multifacetada (porque tem diversas faces e se adapta a diversos contextos ecológicos e sociais dos jovens frente as suas condições de vida.

Propõe a análise das culturas juvenis a partir de duas perspectivas:

1. No plano das condições sociais entendidas como o conjunto de direitos e obrigações que definem a identidade juvenil, no âmbito de uma estrutura social determinada, que se constroem com materiais provenientes das identidades geracionais, de gênero, de classe, de etnia e de territórios.
2. No plano das imagens culturais entendidas como o conjunto de atributos ideológicos e simbólicos criados e apropriados pelos jovens, traduzidos em estilos mais ou menos visíveis, constituídos de elementos materiais e imateriais heterogêneos, provenientes da moda, da música, da linguagem, das práticas culturais e atividades focais. Estes estilos tem uma existência histórica concreta. (FEIXA, 1999:88-89)

É justamente da associação entre estas duas perspectivas que pretendo avançar com a investigação das culturas juvenis em processos de transição para a vida adulta. Isso significa abordar elementos estruturais constitutivos das identidades sociais de um lado, e de outro, o campo próprio dos imaginários sociais, como expressão das imagens culturais que marcam os diferentes estilos de vida juvenis.

Nesse sentido, nos aproximamos de suas reflexões, em especial no que se refere ao marco comparativo para o estudo das culturas juvenis. No caso de nossa experiência de pesquisa no México, a opção em realizar como parte do trabalho uma pesquisa no Facebook, foi construída em função do próprio papel que está rede social na expressão das sociabilidades juvenis. Ao primeiro contato as jovens e jovens mexicanos já me pediam meu nome no Facebook e pelo seu celular já me adicionavam imediatamente. Diante desta realidade, observada no próprio campo, fui construindo um instrumento de pesquisa que trouxesse a possibilidade de uma aproximação maior entre as realidades do México e do Brasil. Ou seja, esse instrumento foi elaborado no processo de interação face a face com jovens da Cidade do México. Além disso, estabeleceu-se a partir de uma perspectiva etnográfica, permitindo conhecer as disposições e representações nativas no espaço também do Facebook, suas formas de expressão e intercâmbios através de um melhor conhecimento da linguagem do grupo. A minha implicação como pesquisadora, compartilhando seus interesses e suas adesões, permitiu que eu pudesse fazer parte destas comunidades imaginárias, reconhecendo assim os elementos que lhes são próprio. Vale observar que o próprio aqui não se reduz a um grupo somente, mas te múltiplas expressões e configurações.

Destas primeiras notas, já em processo de trabalho etnográfico em andamento na Cidade do México, tive a oportunidade de entrar em contato com um grupo de jovens grafiteiros que atuam na cidade há pelo menos 7 anos em média. Esse grupo é composto por Rex Banthon, Dr. Befa Animal Bandido, Osley, Tysa Paulina entre outros, que tem entre 22 a 27 anos de idade. Um elemento que tem se colocado é como de pronto eles perguntam se tenho facebook, pedindo o meu nome ou deixando os seus. Outro aspecto é que ao ser amiga de um deles, os outros já me incluíram em suas listas, me convidando para eventos que estavam organizando, de exposições a suas atividades de graffiti. De comum entre eles está também o fato de terem passado pelo Universidade ou por estudos ligados a arte, mas nenhum deles chegou a concluir seu curso de graduação. Nas palavras de Tysa Paulina, tudo que sabe, tudo que conheceu de bom e de ruim esta ligado ao graffiti, mas não pensa hoje em entrar para a Universidade. Crê que é pura perda de tempo, e diz que não tem tempo a perder. Tomo a liberdade aqui de colocar suas próprias palavras sobre essa experiência:

Dios bendiga a los bandidos, para que sigan estando en el filo..
 cuando empece a pintar..
 Dejar de extrañar, dejar de dudar, dejar de perder el puto tiempo.
 Salve los recuerdos. Tengo 23 años y me siento mas cuerda.
 Ideas que invaden, personajes que curan mis heridas.
 Un rollaso para convencer a mis padres, de que no acabaría en el tribunal, aunque acabe
 muchas veces.
 Somos poco a poco reyes de nada.
 La corona que esta arriba de nuestras cabezas me lo recuerda.
 Noches largas, luces internas
 con la boca destapando una válvula.
 Con las piernas tratando de no perder el equilibrio.
 Con la mente tratando de que el miedo no me gobernara.
 Saltando las reglas, poniendo las mias.
 Abriendo los ojos, cerrando las bocas.

Sintiendo el vertigo.
 Sintiendo el fango
 Sintiendo el ritmo.
 Ahí afuera hay de dos.
 Nosotros, siempre fuertes,y no hay prioridad alguna mas que caminar con la sonrisa
 cara en alto.
 Parece que vives en el recreo,dice mi jefe.
 Jjajaja,y si,parece.
 Hasta la fecha,estoy contenta.
 Porque he podido ser,quien yo quiero.
 Gracias a los que acompañan,a los que cuidan a los que COMPARTEN Los amo y
 ustedes saben quienes son :)
 De: Tysa Paulina
 12/04/2012 (post Facebook)

O interessante das observações desta jovem de 22 anos é que a possibilidade de desenvolver uma atividade fora do espaço da universidade e dos estudos acadêmicos era de fato uma realidade. Esse tipo de observação expresso por ela e também por outros jovens me ajudou na formulação de um instrumento de pesquisa no Facebook que de fato pudesse permitir o conhecimento dos valores destes jovens e de suas estratégias de ação no mundo contemporâneo.

O questionário foi construído em torno de valores sobre a juventude, sobre suas relações de sociabilidade, uso do tempo, preferências musicais, de leituras e de filmes e contemplei o uso que fazem do internet e onde tem acesso a ela. Para completar, procurei identificar a condição social deles através da identificação da escolaridade e ocupação do pai e da mãe, sua condição de estudante, trabalhador ou ambas. Também procurei tratar dos valores ligados ao trabalho e suas expectativas de futuro. Finalmente foi incorporado dados socio-demográficos (idade, sexo, local de nascimento e moradia). Durante o processo de elaboração deste instrumento, foram realizados pré-testes no sentido de uma melhor adequação do mesmo em seu formato, pois esse tipo de pesquisa não pode contemplar um número muito grande de questões e envolve um cuidado com a linguagem, no sentido de adequar termos e situações a realidades distintas, já que o questionário foi elaborado em português e espanhol.

Como resultado obtive 340 respostas válidas. Do ponto de vista metodológico há que se considerar dois aspectos desse tipo de instrumento: primeiro, trata-se de uma sondagem de valores, impressões e sentimentos que devem ser confrontados com outros recursos da pesquisa, como a observação etnográfica, entrevistas e também outras pesquisas de maior amplitude (Pesquisa sobre Juventude no Brasil – 2008 e as Encuestas sobre Juventude no México – 2005 e 2010) que frequentemente contemplam as mesmas questões aqui trabalhadas. O segundo aspecto refere-se ao próprio instrumento, posto que foi apresentado no Facebook (no período de agosto a dezembro de 2012). Essa base de dados foi construída no googledocs, e ao final, foi possível ter um relatório com aspectos mais descritivos do retorno das respostas. Posteriormente, essa base foi transposta para o Excel e finalmente para o SPSS, onde finalmente foi possível elaborar cruzamentos de diferentes variáveis. Com isso, esse instrumento permite análise mais aprofundadas, de caráter mais analítico que descritivo. No quadro abaixo temos os dados gerais referente a população e ao uso da internet no México e no Brasil.

MÉXICO	BRASIL
112.33.538	190.732.694
Homens – 54.855.231 – 48,8%	Homens – 93.390.532 – 49%
Mulheres – 57.481.308 – 51,2%	Mulheres – 97.342.162 – 51%
População de Jovens 12 a 29 anos	População de Jovens – 15 a 29 anos
36.2 milhões	51.2 milhões

Embora as diferenças demográficas entre o México e o Brasil sejam grandes, proporcionalmente elas são minimizadas. Por outro lado, cabe destacar as próprias características que marcam a formação histórica e social destes dois países como estados pluriétnicos. Os elementos existentes de desigualdade social nos dois países também são muito fortes, embora no caso brasileiro essa questão tenha contornos muito mais fortes devido a concentração de renda num pequeno grupo. Quanto a questão do uso da internet cabe observar que a utilização dela em dispositivos móveis é muito maior que no Brasil.

México	Brasil
40.6 milhões	83.3 milhões
DISPOSITIVOS UTILIZADOS PC – 64% LAPTOP – 61% SAMARTPHONE – 58%	DISPOSITIVOS E LUGARES PC – 70% (trabalho/casa) LANHOUSE – 31% CELULARES – 17%
	253 MILHÕES DE CELULARES
Fonte: Asociación Mexicana de Internet (AMIPCI), COFETEL, INEGE/HÁBITOS DE LOS USUARIOS DE INTERNET EN MÉXICO (Mayo de 2012)	Fonte: IBOPE NETRATINGS, ANATEL, (Setembro de 2012)

Na pesquisa realizada no Facebook, dos 340 jovens que a responderam tive o seguinte quadro:

Masculino	233	68,5
Feminino	107	31,5
Total	340	100,0

Deste total, houve um maior número de homens no México e de mulheres no Brasil respondendo ao questionário. A faixa etária destes jovens era de 15 a 30 anos. A seguir apresentamos os dados referentes a valores, destacando os elementos de maior frequência:

1. O melhor de ser jovem – Ter sonhos e objetivos

No aplica	135	39,7	39,7
Aplica	205	60,3	60,3
Total	340	100,0	100,0

2. O pior de ser jovem

Dependencia/Não ser capaz de se sustentar

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Dependencia/No aplica Não ser capaz de se sustentar	No aplica	117	52	169
	Aplica	116	55	171

Dependencia/Não ser capaz de se sustentar

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Dependencia/Não ser capaz de se sustentar	No aplica	117	52	169
	Aplica	116	55	171
Total		233	107	340

3. O que mais preocupa os jovens hoje?

Incertidumbre/Ter incerteza sobre o futuro

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Incertidumbre/Ter incerteza sobre o futuro	No aplica	117	52	169
	Aplica	116	55	171
Total		233	107	340

4. O que melhor expressão os valores da juventude de hoje?

Valoración de la individualidad/Valorização da individualidade

		Sexo		Total
		Masculino	Femenino	
Valoración de la individualidad/Valorização da individualidade	No aplica	161	71	232
	Aplica	72	36	108
Total		233	107	340

Valoración de la individualidad/Valorização da individualidade ***Idioma/linguagem**

		Idioma/linguagem		Total
		Español	Portugués	
Valoración de la individualidad/Valorização da individualidade	No aplica	140	92	232
	Aplica	31	77	108
Total		171	169	340

Esse quadro revela um componente interessante sobre os valores da juventude mexicana e brasileira. De um lado, temos aqui em primeiro lugar a valorização da individualidade para jovens brasileiros em sua grande maioria homens. No quadro seguinte, temos a questão da competitividade como um segundo valor expresso pelos jovens dos dois países.

Competitividad/Competitividade * Idioma/linguagem

		Idioma/linguagem		Total
		Español	Portugués	
Competitividad/Competitividade	No aplica	111	101	212
	Aplica	60	68	128
Total		171	169	340

Competitividad/Competitividade

		Sexo		Total
		Masculino	Femenino	
Competitividad/Competitividade	No aplica	148	64	212
	Aplica	85	43	128
Total		233	107	340

É interessante notar, no entanto, que para os jovens mexicanos, o que apareceu como primeiro valor da juventude foi a rebeldia, conforme observamos no quadro abaixo:

Rebeldía/Rebeldia

		Sexo		Total
		Masculino	Femenino	
Rebeldía/Rebeldia	No aplica	166	78	244
	Aplica	67	29	96
Total		233	107	340

		Idioma/linguagem		Total
		Español	Portugués	
Rebeldía/Rebeldia	No aplica	103	141	244
	Aplica	68	28	96
Total		171	169	340

De um lado, é possível pensar que para os jovens mexicanos, que estavam vivendo naquele momento, posterior as eleições presidenciais (que ocorreu em julho de 2012) ainda os efeitos das fortes mobilizações que eclodiram no país em maio daquele ano, com a emergência do movimento “*Yo soy 132*”, que levou as ruas das principais cidades milhares de manifestantes em oposição ao candidato do PRI, vencedor das eleições presidenciais. De qualquer forma, penso que mais que um valor conjuntural, esse componente de rebeldia dos jovens mexicanos pode ser expressão de um aspecto cultural mais profundo e que tem suscitado para os jovens dos estratos sociais baixos e médios a procura também de outras formas de vida, de sentidos de pertença que passam a constituir-se por formas de maior mobilização, cooperação e solidariedade.

Por outro lado, no caso dos jovens brasileiros, existe um componente que vem sendo reforçado há muitos anos de um forte acento individualista (o que já foi identificado em outras pesquisas, inclusive a que realizamos em 1998 – SALLAS, 2009), delegando ao indivíduo o seu sucesso ou fracasso em sua vida social. Com isso, individualismo/competitividade são valores hoje muito mais fortes que aqueles que poderiam forjar ideais de solidariedade e de cooperação. No entanto, no Brasil também tem se construído, nos últimos anos uma série de experiências sociais novas, com a criação de uma multiplicidade de coletivos juvenis e a reinvenção de modos de vida alternativos. Essas formas ainda são incipientes, mas podem, apontar para um futuro menos violento e bruto de nossas sociedades. Esse aspecto de formas de associação dos jovens é incipiente quando confrontada com o que observamos também na pesquisa:

5. Participação

No participo en nada/Não faz parte de nenhum grupo

		Sexo		Total
		Masculino	Femenino	
No participo en nada/Não faz parte de nenhum grupo	No aplica	166	71	237
	Aplica	67	36	103
Total		233	107	340

No participo en nada/Não faz parte de nenhum grupo

		Idioma/linguagem		Total
		Español	Portugués	
No participo en nada/Não faz parte de nenhum grupo	No aplica	147	90	237
	Aplica	24	79	103
Total		171	169	340

Nesse item identificamos esse aspecto de uma menor participação em grupos de jovens brasileiros, face a uma maior de jovens do México. No entanto, é possível observar que face aos últimos acontecimentos de forte mobilização popular e juvenil iniciada no mês de junho deste ano de 2013, esse quadro talvez aponte para outras formas de participação.

Crew/Una galera, uma tribo, crew, clica

		Sexo		Total
		Masculino	Femenino	
Crew/Una galera, uma tribo, crew, clica	No aplica	179	94	273
	Aplica	54	13	67
Total		233	107	340

Crew/Una galera, uma tribo, crew, clica

		Idioma/linguagem		Total
		Español	Portugués	
Crew/Una galera, uma tribo, crew, clica	No aplica	122	151	273
	Aplica	49	18	67
Total		171	169	340

Já no caso da participação em crews, galeras, tribos e clicas, temos uma maior participação de jovens mexicanos e uma participação feminina mais acentuada, embora a participação masculina seja preponderante.

Arte urbano/Arte urbano * Idioma/linguagem

	Idioma/linguagem		Total
	Español	Portugués	

Arte urbano/Arte urbano	No aplica	105	167	272
	Aplica	66	2	68
Total		171	169	340

Arte urbano/Arte urbano

		Sexo		Total
		Masculino	Femenino	
Arte urbano/Arte urbano	No aplica	173	99	272
	Aplica	60	8	68
Total		233	107	340

Finalmente, a participação em grupos de artistas urbanos é notável. Por jovens homens mexicanos. No entanto, esse dado revela mais, no meu ponto de vista, a capacidade de comunicação no interior das próprias redes sociais, em que circulou essa pesquisa. Existem muitos jovens fazendo graffiti na Cidade do México, e ademais, tem uma forma muito própria de configurar-se. Desta forma, podemos ler esse dado como expressão de um duplo movimento: da capacidade que tivemos na entrada junto a esses grupos e do retorno obtido em suas respostas.

Existem muitos outros aspectos que já identifiquei na pesquisa de campo, mas que extrapolam os limites deste trabalho. Se de um lado, os jovens vivem intensamente um processo de incerteza diante do futuro (algo que seria talvez próprio da juventude, quando nos recordamos de Simmel em seu ensaio sobre a Aventura); existe também a criação de relações que promovem certamente sentidos de pertença em grupos, em redes de solidariedade e de confiança que assinalam para um vir a ser de esperança diante de tantas incertezas.

Bibliografia de Referência:

- ABRAMO, H. W. Cenas juvenis - punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta/Anpocs, 1994.
- ABRAMOVAY, Mirian et al. Gangues, galeras, chegados e rappers. Juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1.999
- BARREIRA, César et al. Ligado na galera. Juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza. Brasília: UNESCO, 1.999.
- BOURDIEU, P. O poder Simbólico. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1998.
- ELIAS, Norbert SCOTSON J. “Os Estabelecidos e os Outsiders”. Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro 2000.
- HINE, Christine. Etnografia Virtual. Barcelona, Editorial UOC, 2004.
- MARTIN-BARBERO, J. Jóvenes: comunicación y identidad. In: Pensar Iberoamérica – Reflexiones, Revista Digital de Cultura da OIE, n. 0, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Fala galera. Juventude, Violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX. Rio de Janeiro, Forense, 1986.
- REGUILLO, Rossana. Emergência de culturas juvenis: Estratégias del desencanto. Enciclopédia Latinoamericana de Sociocultura y comunicación, Grupo Editorial Norma, 2006.

- SALLAS, Ana Luisa Fayet et al. Os jovens de Curitiba; esperanças e desencantos. Juventude, violência e cidadania. Brasília: UNESCO, 1999. (Edições UNESCO).
- SALLAS, Ana Luisa, BEGA, Maria Tarcisa. Apresentação à Segunda Edição. Os jovens de Curitiba; esperanças e desencantos. Juventude, violência e cidadania. Curitiba : Ed. Universidade Federal do Paraná, 2008, pp 19-36.
- SOUZA, J. ÖELZE, B.(org.) Simmel e a Modernidade. Editora UnB: Brasília, 2005.
- WASELFISCZ, Júlio Jacob (coord.) – Juventude, violência e cidadania : os jovens de Brasília, São Paulo : Cortez Editora, 1998.
- FEIXA, Carles. De Jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud. Barcelona, Editorial Ariael, S.A, 1999.
- HERRERA, R. H. Deibar. La configuración: un recurso para comprender los entramados de las significaciones imaginarias. In: Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv 6(1):81-110, 2008 <http://www.umanizales.edu.co/revistacinde/index.html> acesso em 25/05/11
- MAGNANI, José Guilherme, SOUZA, Bruna Mantese. (org.) Jovens na Metrópole – Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo : Editora Terceiro Nome, 2007.
- CORTÉS, Tania Arce. Subcultura, contracultura, tribus urbanas y culturas juveniles: homogenización o diferenciación? Revista Argentina de Sociologia, Año 6, n. 11 – ISSN 1667-9261 (2008), pp. 257-271. Buenos Ayres : Instituto de Investigaciones Sociológicas : Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.
- CAMARANO, Ana Amélia (org.) Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição. Rio de Janeiro : IPEIA, 2006.
- OLIVEIRA, Orlandina, SALAS, Minor Mora. Los jóvenes en el inicio de la vida adulta. ESTUDIOS SOCIOLÓGICOS XXVII: 79, 2009
- LECCARD, Carmen. Por um novo significado do futuro mudança social, jovens e tempo. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, pp. 35-57, Nov. 2005.
- MIRANDA, Ana, HAHN, Marina, BENDIT, René. Los jóvenes y el futuro – Procesos de inclusión social y patrones de vulnerabilidad en un mundo globalizado. Buenos Aires : Prometeo Libros, 2008.
- NOVAES, Regina, SANTORO, Maurício. Ser jovem na América do Sul: um epílogo. In: Ser joven en Sudamérica: diálogos para la construcción de la democracia regional. In: IBASE, PÓLIS y Ediciones CIDPA, 2008.
- URTEAGA, Mariza, PÉRES-ISLAS, José Antonio. Imagens Juvenis do México Moderno. In: CACCIA-BAVA, Augusto, FEIXA, Carles, CANGAS, Yanko (org.). Jovens na América Latina. São Paulo : Escrituras Editora, 2004, pp. 183:255.
- MEAD, Margaret. Culture and Commitment – a study of the generation gap. EUA : Ladder Edition, 1970.
- KRAUSKOPT, Dina. Dimensiones de la participación en las juventudes contemporáneas latinoamericanas.